

GUERRA NO LESTE EUROPEU

PROCURADOR DO TRIBUNAL PENAL INTERNACIONAL INVESTIGARÁ SUPOSTOS CRIMES DE GUERRA OU CONTRA A HUMANIDADE COMETIDOS PELA RÚSSIA NA INVASÃO À UCRÂNIA. NAÇÕES UNIDAS DEVEM ISOLAR AINDA MAIS MOSCOU

Putin pode ser réu em Haia

Embora a Ucrânia e a Rússia não integrem o Tribunal Penal Internacional (TPI), em Haia, a Procuradoria da Corte pretende deflagrar uma investigação sobre crimes de guerra ou contra a humanidade no país invadido por Moscou. “Já encarreguei minha equipe de explorar todas as oportunidades de preservação de evidências”, anunciou, ontem, o procurador Karim Khan. A iniciativa foi exaltada pelo embaixador da Ucrânia na ONU, Sergiy Kyslytsya, durante a sessão extraordinária de emergência da Assembleia Geral, em Nova York, que decide, até amanhã, se condena a ofensiva, após o fracasso do Conselho de Segurança.

Khan afirmou que poderia pedir para os juízes do TPI aprovarem o inquérito, mas que seria mais rápido se um Estado membro do tribunal remetesse o caso ao seu gabinete. “Isso nos permitiria prosseguir ativa e imediatamente com as investigações independentes e objetivas.”

A Lituânia está disposta a fazer isso, segundo o jornal norte-americano *The Washington Post*. Ontem, a primeira-ministra, Ingrida Simonyte, solicitou a abertura de uma investigação sobre possíveis crimes de guerra cometidos pela Rússia e por Belarus. “O que (Vladimir) Putin está fazendo é assassinar, e espero que ele vá para Haia.”

Antes mesmo do anúncio de Khan, diversas organizações começaram a juntar evidências de crimes de guerra para usá-las em julgamentos futuros nos tribunais internacionais. Segundo o jornal britânico *The Guardian*, um deles é Eliot Higgins,

AFP



O embaixador ucraniano na ONU, Sergiy Kyslytsya, discursando na sessão emergencial: condenação sem direito de veto

fundador da agência de jornalismo investigativo Bellingcat. “Nosso objetivo é disponibilizar os dados para qualquer processo de responsabilização que queira usá-los. Pretendemos obter, no mínimo, dados de geolocalização e, em seguida, trabalhar para adicionar outros, como tipo de violação documentadas, munições apresentadas em vídeos etc.”

Em 2020, a antecessora de

Khan no TPI, Fatou Bensouda, declarou que havia provas suficientes do conflito no leste da Ucrânia e na Crimeia, iniciado em 2014, para iniciar uma investigação. Os juízes do TPI, contudo, não concordaram à época. Agora, o advogado britânico acredita que as coisas serão diferentes. “Em particular, estou convencido de que há uma base razoável para acreditar que tanto os

supostos crimes de guerra quanto os crimes contra a humanidade foram cometidos na Ucrânia”, afirmou, em um comunicado.

“Basta”

Em Nova York, mais de uma centena de oradores se inscreveram para falar na sessão excepcional dos 193 membros da ONU, a primeira do tipo a

acontecer em 40 anos. A reunião começou com um minuto de silêncio em memória das vítimas do conflito que entra hoje no sexto dia. “Basta! Os combates devem parar”, declarou o secretário-geral da ONU, o português António Guterres.

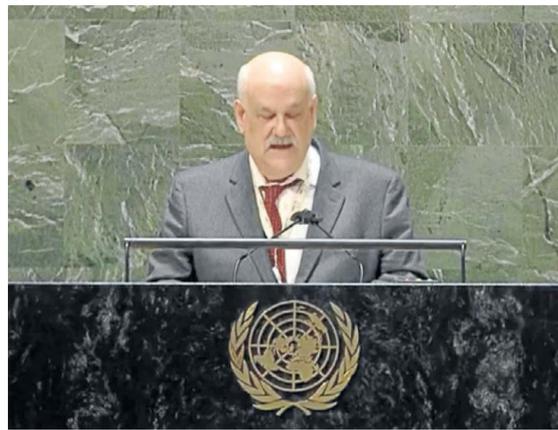
“Se a Ucrânia não sobreviver, não nos surpreendamos se a democracia falhar”, disse o embaixador ucraniano na ONU.

Intitulado *A agressão armada não provocada da Rússia contra a Ucrânia*, o projeto de resolução promovido pelos europeus em coordenação com Kiev “condena, nos termos mais duros, a agressão da Rússia” contra a Ucrânia. “A guerra não é a resposta”, lembrou Guterres, antes de enfatizar que “precisamos de paz agora”.

O texto é similar ao apresentado por Estados Unidos e Albânia e rejeitado por um veto russo no Conselho de Segurança na sexta-feira. Exige a retirada imediata das tropas russas da Ucrânia e o fim dos combates. Seus autores esperam ultrapassar a centena de votos favoráveis na Assembleia, onde não há direito de veto.

No Conselho de Segurança, África e América Latina apoiaram a denúncia da invasão formulada por Estados Unidos e Europa. Na Assembleia Geral, espera-se que os apoiadores habituais de Moscou — Síria, Cuba, China, Índia e outros — fiquem ao lado da política russa, ou se abstenham de votar. “A Guerra Fria acabou há muito tempo. A mentalidade da Guerra Fria baseada no confronto de blocos deve ser abandonada. Não há nada a ganhar com o início de uma Nova Guerra Fria”, frisou o embaixador da China na ONU, Zhang Jun. Em breve discurso, mas contundente, ele disse que “deve-se respeitar a soberania e a integridade de todos os países”, bem como “todos os princípios da carta das Nações Unidas”. O resultado da sessão será um termômetro da evolução do mundo, segundo diplomatas.

AFP



O embaixador Ronaldo Costa Filho: momento decisivo

Brasil defende cessar-fogo

» MARIA EDUARDA ANGELI*

Em discurso na sessão especial de emergência da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), o embaixador do Brasil, Ronaldo Costa Filho, reforçou a posição do país contra a guerra na Ucrânia e reiterou o pedido de cessar-fogo. Nas palavras do diplomata, é preciso fazer todo o possível para dar um basta no conflito antes que seja “tarde demais”. “Estamos testemunhando uma sequência de eventos que, se não contidos logo, podem levar a um confronto muito mais amplo.

Todos vão sofrer, não apenas aqueles que estão lutando”, disse.

Costa Filho frisou ainda que o uso de força contra o território e a soberania de qualquer Estado-membro da Organização é injustificável. Ele também considerou oportuno que países reavaliem decisões sobre fornecimento de armamentos e aplicação de sanções que possam afetar a economia global. No domingo, o presidente Jair Bolsonaro afirmou que o Brasil permanecerá neutro em relação ao conflito.

“Este é um momento decisivo para a nossa organização e para

o mundo. Estamos em uma rápida escalada de tensões que podem colocar toda a humanidade em risco, mas ainda temos tempo de pará-la”, afirmou, defendendo uma atuação conjunta da Assembleia Geral e do Conselho de Segurança da ONU (CSNU): “Precisamos de soluções construtivas, não de ações que vão apenas prolongar hostilidades e espalhar o conflito. São necessárias condições para um maior senso de segurança entre os envolvidos, reconstruir pontes e restabelecer confiança”.

Na última sexta-feira, o Conselho de Segurança votou um

documento que condenaria a invasão russa à Ucrânia. O Brasil foi um dos 11 países favoráveis ao texto. Moscou usou o poder de veto. “Nós lamentamos que a resolução (do Conselho de Segurança) não tenha sido adotada, mas acreditamos firmemente que o Conselho de Segurança ainda não saturou os instrumentos disponíveis para contribuir para uma solução diplomática”, opinou o embaixador brasileiro.

* Estagiária sob a supervisão de Vicente Nunes

Bolsonaro está “mal informado”, diz diplomata ucraniano

» TAINÁ ANDRADE

Anatoliy Tkach, encarregado de negócios da Ucrânia no Brasil, afirmou, ontem, que o presidente Jair Bolsonaro (PL) está “mal informado” sobre a guerra, por defender uma posição de neutralidade em relação à invasão russa. O diplomata sugeriu que Bolsonaro conversasse com o líder ucraniano, Volodymyr Zelensky, “para ter outra posição e uma visão mais objetiva” sobre o conflito.

Em entrevista à rádio Jovem Pan, Bolsonaro disse que não tem nada para falar com o ucraniano. “Alguns querem que eu converse com Zelensky, o presidente da Ucrânia. Eu, no momento, não tenho o que conversar com ele. Eu lamento, se depender de mim não teremos guerra no mundo”, declarou.

No domingo, Bolsonaro defendeu que Brasil deve manter neutralidade sobre a guerra no Leste Europeu, considerando um exagero chamar o conflito entre a Rússia e a Ucrânia de “massacre”.

O diplomata ucraniano disse que “talvez” falte a seu país “apresentar mais dados sobre as perdas civis”. Anatoliy Tkach informou que, nos cinco primeiros dias de invasão, 352 civis morreram nos ataques, sendo 16 crianças. Segundo ele, há mais de 2 mil feridos. E apenas ontem 120 mil pessoas deixaram a Ucrânia. “Possivelmente, eu vou pedir aos nossos funcionários para divulgar mais vídeos das perdas civis”, comentou aos jornalistas.

Sobre as críticas de que as sanções internacionais estão muito rigorosas, o representante ucraniano defendeu as medidas. “As sanções econômicas são os meios de dissuasão para que a Rússia não continue as agressões, porque, como eu já comentei, as armas nucleares russas estão prontas para atacar. Melhor parar agora com negociação do que entrar em uma guerra maior”, ressaltou. “Nesse momento, não se trata de apoio à Ucrânia, mas de defesa dos

valores democráticos, do direito internacional, incluindo os fundamentos como não devastar as fronteiras, o respeito à soberania internacional e à integridade territorial.”

Ajuda

O encarregado de negócios ucraniano disse ainda ter apresentado um pedido oficial de ajuda humanitária ao Brasil. Na lista, segundo Tkach, foi solicitado ao Itamaraty desde comida até itens de primeiros socorros, roupas, principalmente térmica.

Ainda na entrevista à Jovem Pan, Bolsonaro destacou que o Brasil concederá vistos humanitários para ucranianos que desejem vir ao país. “Conversei agora há pouco com (o chanceler) Carlos França, ele falou que já ia tomar as providências. Nós vamos abrir a possibilidade de ucranianos virem para o Brasil através de um visto humanitário, que é a maneira mais fácil de vir para cá”, assinalou.

Manifestações pela paz

Ed Alves/CB/D.A Press



No portão da Embaixada da Ucrânia, em Brasília, cartazes coloridos chamam a atenção. São mensagens de solidariedade e pedidos pelo fim do conflito. Ontem, Maria Rebeca Medeiros, de 7 anos, fez questão de se manifestar. Enquanto assistia pela televisão ao noticiário sobre a guerra, a menina pediu aos pais que a levassem à

representação diplomática. Queria deixar uma homenagem ao povo ucraniano. De próprio punho, escreveu numa folha de papel a palavra “paz”. “Não gostamos de sintonizar no telejornal, pois são notícias pesadas para ela ver. Mas, hoje, estávamos assistindo, e ela se sensibilizou”, contou Maria Dalva, mãe da menina. (TA)